

Rêmora

Dimas Moraes

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



[...] seu nome era Júlio

Capítulo I

Um dia, às margens do rio Paraíba do Sul, em uma pacata cidade do Cone Leste Paulista, eu o vi. Ele estava focado em algum vestígio de realidade no horizonte.

Recordava-me vagamente de tê-lo visto naquele local antes, ou nas proximidades. Mas desta vez ele parecia distinto, absorto em pensamentos.

Seu olhar vago lembrava as pessoas mais vazias que conheci. Sabe aquela gente que possui um impulso nato para se apropriar da vida dos outros, seus amigos ou companheiros de trabalho, numa miserável necessidade de melhorar a própria? Muitas delas lutam contra essa carência e, por isso, parecem eternamente distantes, confusas.

Contudo, eu sabia que não era esse o caso. O mistério crescia. “Quem seria ele?”, eu me perguntava no silêncio da praça deserta, numa quinta-feira à tarde.

Sua aparência mudava muito, foi o que me ocorreu de súbito. Ele sempre estava com um novo corte de cabelo, e, embora usasse as mesmas roupas, de alguma maneira um detalhe ou outro alterava sua estética. Agora, depois de puxar um

pouco mais de informação da memória, eu tinha certeza: era ele. Eu já o vira algumas vezes.

Sacou uma boina verde-musgo e ajeitou-a na cabeça, virada para trás; em segundos, assemelhava-se a algum indivíduo do Leste Europeu, um residente de Praga, Sófia ou Liubliana. Então compreendi que ele deveria ter uma personalidade forte e referências de muitas culturas diferentes. Transitava entre o visual dos comunistas clássicos, dos *punks* britânicos e do *playboy* brasileiro com muita naturalidade. Não conseguiria dizer se isso era fruto de suas viagens, que eu sequer sabia se fizera, ou de uma naturalidade contundente de quem domina o que quer mostrar.

Ele vestia uma calça de tecido de boa qualidade — talvez brim — na cor azul-escura, uma camiseta de malha cinza com gola V e um sapatênis verde, do tom da boina.

Interessante! Não usava relógio, nem brincos, colares, pulseiras ou qualquer tipo de adereço. Desconfiei que tivesse uma tatuagem no peitoral ou nas costas, provavelmente um desenho minimalista. Claro, isso eu não descobriria naquele dia.

Sem que eu notasse o passar do tempo — poderiam ser minutos, horas... —, ele entrou em seu carro e partiu. Com perícia, manobrou o veículo de maneira a não atrapalhar o trânsito. Embora seu carro fosse popular, não deixei de notar alguma ousadia na escolha da cor e do modelo. De certo modo, tal combinação, no momento, refletia uma alma jovem, vigorosa e cheia de ansiedades por mistérios da vida, dos quais eu jamais tomaria parte.

Nessa hora, observando enquanto ele dobrava à esquina ao longe, fui tomado por uma inveja tamanha que pude sentir uma torção involuntária no corpo, seguida por uma pressão no peito, e por um instante eu odiei aquele — ainda — completo estranho. Desejei-lhe o pior: um acidente de carro, a morte de um parente, um sofrimento contínuo na vida... Recobrada a consciência, me arrependi de tudo e até olhei para os céus, como que para checar se Deus me observara tendo sentimentos tão vis.

Ao assentar as memórias em minha mente, percebi que essa foi a quarta vez que o observei, em uns dois meses. Nesse período, não me dispus a pensar muito nele. Todavia, senti uma inquietação, como se ele fosse um tipo de mendigo psicológico, ali esperando por mim, necessitando de um bom diálogo, de uma conversa redentora que o tirasse da realidade opressiva em que talvez vivesse.

Fiquei confuso! Seria ele, de fato, todas essas coisas, ou eu estava a fantasiar uma personalidade excitante para um completo desconhecido? Dei-me conta de que essa poderia ser a segunda oportunidade em que isso acontecia.

Na primeira, eu ainda era bem criança e conjecturei uma semana sobre a sombria senhora que encontrara no ponto de ônibus. Na ocasião, eu estava assertivo de que se tratava de uma traficante de órgãos, devido ao jeito soturno como me encarava. Acabei por descobrir que era só uma dessas solteironas tristes que não gostam de animais, portanto, não conheceram nem o amor nem a felicidade.

Nas semanas que seguiram, eu passava pelo local do último avistamento do Senhor Mistério, somente para garantir que ele não se situava por lá. E eu sabia que não estaria, afinal, a placa do seu suposto carro indicava uma cidade vizinha, maior e repleta de opções.

Era justamente seu motivo para transitar por ali que me intrigava, somado ao detalhe de encarar sempre o rio, como se visse através das águas barrentas; deixava-me ainda mais encafifado. “Seria ele um esotérico?”, eu indagava. “Mas não parece”, depreendia de imediato. Conforme pensava a respeito, sentia-me desviar um pouco da rota da sanidade.

Outras intermináveis semanas transcorreram, e já começava a esquecer-lo. Com o esquecimento vinha o sossego. Passei dias tranquilos de uma primavera amena, ministrando aulas, corrigindo provas e elaborando trabalhos para desenvolver com os alunos. Cheguei a passear pelos arredores do condomínio com o cachorro, que a essa altura começava a desenvolver uma leve depressão devido ao constante isolamento a que eu o relegara.

Em uma dessas caminhadas, percebi que eu poderia abandonar minha obsessão e nunca mais vê-lo ou procurá-lo, para dar um desfecho diferente àquela loucura. Seria bom, no fim das contas.

Eu não deveria continuar com esse *voyeurismo* social. Era exatamente o que eu fazia: observava as pessoas vivendo.

Outro dia, olhando o rasante de um par de pássaros, pensei que de alguma maneira eu poderia viver uma vida inócua,

sem sentido, mecanizada e desprovida dos prazeres mais ínfimos (os pássaros se divertem à beça).

A falta de emoções, mesmo as triviais, me empurrava ao *voyeurismo* social. Os *shoppings* estão cheios desses tipos humanos, cujos sustentos emocionais provêm das experiências alheias. Antes eu não tinha consciência deles, mas eu os vejo agora em toda parte. Notoriamente, ocorrera uma mudança no meu entendimento do mundo. Despertara em mim uma espécie de percepção apurada das almas frágeis e solitárias, corrompidas pelo movimento do cosmos.

Assustei-me com a ideia de que eu pudesse ser uma dessas almas-aflitas, a perambular pela cidade praticando o seu *voyeurismo* social, se alimentando das energias intensas daqueles que deram sentido às suas vidas ou encontraram uma direção.

Estava na fila do caixa eletrônico quando, num *insight*, essa concepção me ocorreu. Senti um espasmo involuntário na perna direita, seguido por uma contração abdominal. Recuei para fora da área do banco. Minha visão ficou turva e vomitei no pequeno jardim, sob os olhares curiosos dos passantes superocupados daquela segunda-feira ranzinza, encalorada.

Desisti de ir ao caixa e segui a pé para casa, tentando não me lembrar de quem eu poderia ser: uma rêmora que simplesmente consome as sobras de espécies próximas.

Mais de uma vez, no decorrer das semanas, sonhei que era uma rêmora insignificante vagando de um lado para o outro sem um tubarão principal, visitando lugares tediosos

em cidades pequenas, disputando as sobras sociais, uma subespécie de hiena aquática, um perseguidor de carniça imaterial.

Com os afazeres do cotidiano, naturalmente, as inquietações se acalmaram e, assim, sem o menor ensaio ou prontidão, eu o vi, após meses de pequenas, porém incômodas, atividades mentais.

Estacionei o carro e o segui.

Ele caminhava despreocupadamente. E, com um ligeiro ar de superioridade, observava tudo. Nada — material ou não — parecia escapar do seu julgamento.

Analisando de forma metódica os seus movimentos e a profundidade emocional que imprimia nestes ao passo que andava, era notório que aquele lugarejo tinha para ele significados diversos e peculiares.

Dedicando-me à sua maneira contemplativa, olhei também o entorno: as árvores e os bancos de cimento, típicos de pacatas cidades do interior do estado de São Paulo; o tradicional pavimento intercalando o branco e o preto, em uma dança caipira e ingênua. O que teria em mente ao mirar uma paisagem tão provinciana?

Talvez memórias de um tempo de infância ou de melancólicos dias de inverno, com aquela luz típica dos vales. Não consegui distinguir a origem daquela soberba saudável, de certo proveniente de uma comparação feita enquanto caminhava de maneira preguiçosa.

Agora ele estava novamente sob a sombra de uma velha amendoeira retorcida pelo tempo. Reclinada ao longo do

pavimento, ofertava uma maravilhosa zona fresca, um abrigo dos feixes dourados de luz solar que preenchiam os espaços entre as árvores.

Dei-me conta! Sua profissão deveria ser um tanto exótica, já que todas as vezes que eu o avistara ele estava aparentemente de folga, em horário comercial.

Dediquei meus próximos longos minutos a isso, me pus a imaginá-lo nas mais variadas profissões. Um corretor de imóveis de sucesso com clientes inconstantes; um programador excêntrico, que só trabalhava à noite e mantinha uma rotina de sonecas durante o dia; um libertino que ganhava dinheiro para transar com solteironas encalhadas ou com maridos enrustidos.

Pensei também em profissões eruditas: um crítico de cinema que fazia sucesso nas redes sociais; um colunista de uma revista famosa, como a *Men's Health* ou a Carta Capital; talvez um escritor super-reservado, que só dava entrevistas *online*; ou um moderninho qualquer, uma subcelebridade, um *youtuber*... Aquilo me cansou, então abandonei a prática enfadonha de imaginá-lo, já que ele estava ali e, a cada minuto, poderia revelar uma nova pista.

Mais tarde, com o notável empalidecer do sol, percebi que passei tempo demasiado observando-o. Talvez tenha sido até descuidado, já que a coisa como um todo fugia ao meu controle. Compelido a admirá-lo, nada em minha vida tinha mais sentido. Mas, ao mesmo tempo, uma sensação estranha crescia dentro de mim. Avolumava-se rapidamente na minha

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em setembro de 2020.
